



FUTEBOL E CULTURA MATERIAL: UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA

Luciano Anderson Breitkreitz¹

Resumo

Este trabalho tem por objetivo expor a relação historiográfica entre o futebol e a cultura material. Inicialmente é realizada uma localização do futebol dentro da História, fazendo uma abordagem a partir do seu surgimento. Posteriormente é exposto a maneira com que o futebol é avaliado neste trabalho: à partir de uma guerra simbólica. A parte final aborda o estádio onde se pratica o esporte, como o maior símbolo da cultura material do futebol. Uma obra de ferro e concreto armado, que os torcedores tratam como um templo sagrado, dando a mesma importância para esta obra, quanto um religioso daria para uma catedral. Este é o local de encontro de torcedores rivais assistem o embate de seus representantes dentro de campo e ao mesmo tempo que incentivam os atletas, também defendem a cultura do clube.

Palavras-Chave: Futebol, Cultura, Material, Historiográfica, Estádio.

Abstract

This work aims to expose the historiographic relationship between soccer and material culture. Initially a soccer location within history is held, making an approach from its emergence. Later on, it is exposed the way soccer is evaluated in this work: from a symbolic war. The final part deals with the stadium where the sport is practiced, as the biggest symbol of soccer's material culture. A work of iron and reinforced concrete, which the fans treat as a sacred temple, giving the same importance to this work, as a religious would give to a cathedral. This is the meeting place of rival supporters watching their representatives onslaught on the field and at the same time encouraging the athletes, they also defend the culture of the club.

Keywords: Soccer, Culture, Material, Historiographic, Stadium.

¹ Doutorando em História Regional pela Universidade de Passo Fundo. Comunicador e Cronista Esportivo. Autor do Livro: À Sombra do Colosso da Lagoa – Uma História de Futebol em Erechim. Endereço eletrônico: breitkreitz.luciano@gmail.com



Considerações Iniciais

Entendendo a cultura como as teias de representações que envolvem os indivíduos de um grupo social, é possível avaliá-la como uma maneira de viver, seja no “ser”, “pensar” ou “sentir”. Assim, pode-se dividi-la em Cultura Não-Material, compreendendo todo o ideário que permeiam as tradições de cada povo; e Cultura Material, compreendendo todo o objeto resultante da transformação da natureza pelo homem. No futebol a cultura material são os objetos a ele relacionados. Através dele, uma esfera se torna uma bola, um gramado se torna um campo, roupas se tornam uniformes, ferros se tornam traves, e concreto se torna um estádio. O futebol deixando de existir, tais objetos perdem o significado, e a bola passa a ser apenas uma esfera, as luvas do goleiro, uma mera peça de estuário e as traves, meras peças de metal.

Não por acaso se pode considerar o período que compõem a fase transitória que comportou os séculos XVIII e XIX como um divisor de águas na história do esporte. Em aproximadamente 120 anos observa-se uma multiplicação constante de regras esportivas, todas observadas no território compreendido como Inglaterra. Para citar apenas alguns exemplos pode-se fazer referência às corridas de cavalos, golfe, críquete, rúgbi, ciclismo e, claro, o futebol.

Para buscar uma explicação para este fato curioso, é necessário entender as transformações conceituais que a sociedade estava passando, pois é neste período que fica evidente a mudança na maneira com que as pessoas passaram a observar a prática esportiva. Em seguida expõem-se a trajetória deste esporte, desde o seu surgimento, até a importância que uma obra de ferro e concreto armado tem para seus expectadores.

Quadro histórico do surgimento do futebol

Os jogos de bola não são um fenômeno recente na história do homem. Há registros de jogos onde eram utilizadas esferas, alguns deles com regras semelhantes ao



futebol, em diferentes grupos sociais, nas mais diferentes partes do globo. Oliveira (2000) lembra que valia de tudo nos jogos de bola primitivos, de cocos a pelotas feitas de tecidos. Na China, por exemplo, os soldados usavam, em 2.500 a.C., uma esfera de couro para chutar. Na Grécia, no século I a.C., a bola era feita com bexiga de boi cheia de areia.

Giulianotti (2002) enfatiza que foram encontrados diversos registros de “futebol primitivo” em 1500 a.C. na América Central e na região do Amazonas. Há registros desta prática também em diferentes regiões da América do Sul. Em diversos pontos da Europa foi registrada, em grande quantidade, a prática do futebol primitivo a partir do século XIII. Em geral, os autores, assim como Giulianotti, costumam utilizar o dia 26 de outubro de 1863 como uma linha divisória entre o “futebol primitivo” e o “futebol moderno”. Neste dia um grupo de jovens londrinos reuniu-se na taberna *Freemason's* para definir regras padronizadas para a prática do futebol. Estas regras, com pequenas variações, são utilizadas até hoje para reger a prática deste esporte.

Franco Júnior (2007) associa o surgimento do futebol na Inglaterra com a realidade histórica que o país vivenciava. Para o autor é impossível dissociar o surgimento do futebol com a revolução industrial, já que ambos baseiam-se na competição, secularização, produtividade, igualdade de chances, supremacia dos mais hábeis, especialização de funções, qualificação de resultados e fixação de regras.

A fixação de regras é o marco da divisão entre o “futebol primitivo” e o “futebol moderno”; ou seja, corresponde àquilo que Sigmund Freud e Norbert Elias (*apud* Franco Júnior, 2007) trataram, respectivamente como o “processo civilizador”. Também é possível pensar a introdução das regras do futebol como uma restrição de comportamento, que permite a vida em sociedade, ou seja, o controle dos interesses individuais em nome do bem comum:

A época era de padronização, codificação e fixação em vários planos da vida inglesa. Em 1852, os mandatos de convocação diante da Justiça foram uniformizados. Ao longo do Século XIX surgiram diversos códigos do direito criminal. Em 1858 elaborou-se o projeto do imponente Oxford English



Dictionary, que recolhe, identifica, registra, legitima todos os vocábulos da língua. Não é de estranhar, portanto, a multiplicação das regras esportivas: para corridas de cavalos por volta de 1750, golfe em 1751, críquete em 1788, rúgbi em 1846, ciclismo em 1868. E futebol em 1863. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 26).

Após a queda do imperialismo napoleônico, a Inglaterra é alçada ao status de referência cultural e política. Franco Júnior (2007), aponta que surge neste país uma demanda pela construção de um caráter de suas elites, para que a Inglaterra se tornasse a maior potência mundial. Uma maneira encontrada para desenvolvimento desta ideia foi aplicada entre os anos de 1820 e 1900, no que o autor chama de “cristianismo atlético”.

A introdução de esportes nas escolas é o que melhor ilustra este pensamento. O desenvolvimento da fibra moral da elite britânica destinada a governar regiões longínquas e inóspitas, plenas de súditos hostis e pouco civilizados, era essencial para as pretensões inglesas.

Em 1859, apenas quatro anos antes do estabelecimento das regras do futebol, Charles Darwin lança “A Origem das Espécies”, que posteriormente seria utilizado por Herbert Spencer, entre outros autores, para adaptar à vida social a ideia biológica da sobrevivência dos mais fortes. Neste período, respeitadas figuras inglesas como Thomas Arnold (diretor da Rugby School e introdutor dos esportes no sistema educacional), David Livingstone (explorador e missionário da África), Charles Gordon (combatente na Criméia e na China, depois governador do Sudão), Willian Gladstone (primeiro-ministro quatro vezes), defenderam abertamente o esporte como maneira de atingir a rapidez no raciocínio, fibra ao espírito e vigor ao corpo.

O estabelecimento de regras, não somente no esporte, mas também na vida política e social, era essencial para a alimentação de uma ideologia do liberalismo mais antigo, essencial para que não surgissem novos Bonapartes. Era essencial também para que os mercados de todo o mundo estivessem abertos aos produtos da Inglaterra, para que sua monarquia parlamentarista pudesse funcionar com o mínimo de tensões sociais.



Com este espírito, representantes de diversas escolas reuniram-se em 1848 para a primeira tentativa de uniformização das regras de um esporte que era praticado nas instituições de ensino. Há registros de aproximadamente sessenta equipes nesta época, mas em cada região praticava-se uma regra específica. Durante quase duas décadas a padronização foi discutida, até que no dia 26 de outubro de 1863 representantes normatizam o futebol. As regras foram aprovadas em assembleia no dia 24 de novembro e publicadas no jornal esportivo *Bell's Life* de 8 de dezembro.

Franco Júnior (2008) cita o historiador Robert Levine ao definir o esporte como uma “metáfora da dinâmica social”, pois a regulamentação do esporte faz parte de um processo que visa dominar o corpo, submetendo-o a um poder socialmente instalado. Desta forma surgem o capitão do time, o presidente do clube, o representante da federação, conselho disciplinar e confederação, constituindo micro-sociedades à imagem e semelhança da macro-sociedade que as cria e acolhe.

Uma série de fatores contribuíram para que fossem criadas as condições ideais para o surgimento do futebol. O convívio entre diferentes classes sociais também é apontado como fator importante. Wisnik (2008) enfatiza que, entre os anos de 1820 e 1860, na Inglaterra, surgiu um enorme vácuo no lazer popular. Passatempos bucólicos como adestramento de cachorros para atacar ursos, briga de galos e jogos de bola em aldeias praticamente desapareceram enquanto o povo, em geral, ia para as cidades em busca de trabalho. Nesse quadro, algo tedioso, as novas classes trabalhadoras eram controladas pela ordem moralizadora de uma burguesia municipal inclinada a erradicar toda a intemperança e a diversão não civilizada.

Dentro deste quadro social da Inglaterra do século XIX, é possível associar o futebol, a partir do estabelecimento de regras, como um código socialmente estabelecido. A partir desta afirmação, pode-se tomar o estabelecimento das regras do futebol como uma metáfora que reflete a cultura da Inglaterra do século XIX, já que tinha um significado coletivo. Logo as regras deste esporte encontrariam fronteiras



abertas em diferentes partes do mundo para que as mais diferentes culturas os absorvessem.

Futebol: o campo do conflito

O futebol pode ser analisado como uma fronteira entre as diferenças, o local onde fica visível o “nós” e o “eles”. É importante ressaltar que no campo de jogo não ficam evidente apenas as diferenças coletivas de uma sociedade, mas conflitos internos, como os de ordem sentimental. A diferença se estabelece como a força motriz do futebol, o único sentido do futebol se dá através do confronto dos antagonísticos.

Para Morato (2005), um clube de futebol é estruturado em três pilares: o time, a torcida e o patrimônio. O terceiro item (patrimônio) é dividido entre material e imaterial. O imaterial diz respeito à história, cores e camisa; o patrimônio material é a sede e o estádio. O torcedor busca no estádio uma afirmação. Ele busca que seu clube seja grande também através do estádio, que é sua casa e motivo de orgulho tanto individual, quanto coletivo. Além disso, o torcedor busca sua afirmação denegrindo não apenas o time ou torcida adversária, mas também o patrimônio do oponente. A rivalidade entre os torcedores faz com que no foco da agressividade verbal se inclua o estádio do rival.

Sob este ponto de vista, o estádio acaba sendo para o torcedor a sua “imagem” projetada para o seu rival, ou para o restante da sociedade. Para o autor, este poderia ser um dos motivos que faz com que o estádio de futebol represente muito mais do que o “templo para os deuses da bola” ou o “teatro para os protagonistas do futebol”, mas acabe sendo uma arma para tirar argumentos de agressão dos rivais, e ao mesmo tempo se impor diante do outro.

Wisnik (2008, p. 75-76) considera essencial entender que, ao dar forma lúdica ao mito da concorrência universal, o futebol criou o campo simbólico onde essa concorrência muda de sentido em dois aspectos. O primeiro no campo social, já que é



apropriada por agentes que não teriam oportunidade no campo da competição econômica (operários ingleses ou brasileiros pobres, por exemplo). O segundo no campo simbólico, já que a concorrência se dá em código corporal e não verbal, irradiante de sentidos não determinados, desfrutando de um estatuto correspondente ao da autonomia da obra de arte.

O mecanismo essencial do futebol também é analisado por Wisnik (2008, p. 95 e 99), que considera essencial pensar que antes de mais nada, o futebol imprime aos jogos pré-modernos a norma burguesa, mas mantendo uma margem significativa de ruralidade, uma dimensão telúrica indispensável para o entendimento de sua apropriação por outras culturas, de seu progressivo interesse policlassista e multiétnico e de vocação transcontinental. Ao contrário do basquete, do vôlei, do hóquei ou do futsal, jogos posteriores de espírito definitivamente cidadão, praticados sobre terrenos pavimentados e geralmente cobertos, o futebol se joga ao ar livre, sobre a terra e sobre a grama, num espaço generoso e exposto à natureza, proliferando não só na Europa, mas nas periferias do mundo, tanto nos clubes quanto nas várzeas.

Mesmo assim, e em complemento a isto, o futebol reverte o hábito corporal e instaura uma espécie de “mundo às avessas” em que a posse da bola é muito mais frágil e transitória do que nos esportes manuais. A extensão do campo cheio de surpresas em que a bola, para percorrer a distância entre um gol e outro, tem de fazer uma verdadeira viagem, sujeita a toda sorte de peripécias, idas e vindas, marchas e contramarchas, cheia de alternâncias e lembrando mais os movimentos no meio rural do que o ritmo dos choques diretos do meio urbano.

Franco Júnior (2007, p. 200 e 201) avalia que, independente da maneira como a sociedade se organiza, sempre há em seu interior tensões entre os grupos que a compõem. Essas tensões acontecem independentemente do fundamento básico das diferenças, sejam elas familiares, étnicas, institucionais, econômicas, religiosas, psicológicas ou geográficas. Para o autor, dentro do futebol todos esses elementos estão presentes e interagem:



A dinâmica da rivalidade aplica-se tanto a seleções nacionais quando a clubes. No primeiro caso, por exemplo, à medida que o tempo nos afasta de 1950 e o Uruguai deixa de ser potência no futebol, a rivalidade entre brasileiros e uruguaios fica mais fraca. Ao contrário, o fortalecimento futebolístico do México e algumas vitórias sobre o Brasil vão aos poucos criando nova rivalidade continental. Os atritos políticos e territoriais ocorridos no passado entre dois países estão sempre alimentando a rivalidade futebolística. É o caso da Escócia e Inglaterra ou Bolívia e Chile. Quanto a clubes, o mecanismo não é diferente. Tomemos como exemplo o caso de Minas Gerais. Dos quinze títulos do América, dez foram conseguidos nos primeiros anos de disputa: o Atlético venceu a primeira edição, em 1915, depois o América enfileirou dez conquistas, de 1916 a 1925, e era o grande rival do Galo, vice-campeão em 1916, 1917, 1918 e 1921, campeão novamente em 1926 e 1927. Com o surgimento do Cruzeiro (então Palestra Itália), seus seis vice-campeonatos seguidos (1922-7) e seu tricampeonato em 1928-30, a rivalidade foi se deslocando. O América foi ficando para trás e a grande rivalidade local tornou-se Atlético-Cruzeiro. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.201)

O autor avalia que o futebol é uma reprodução simbólica do corpo social, da mesma maneira que a guerra nas sociedades tradicionais. Essas guerras canalizam para fora da sociedade a impetuosidade, permitindo que o grupo demonstre sua força. O objetivo tanto da guerra como o do futebol é, na essência, desumanizar o “outro”.

Alves (2006 p.33 a 37) expõe o futebol sob o ponto de vista do torcedor, onde a maior motivação para torcer por um time está no prazer de ver o adversário derrotado. Ele propõe uma analogia entre o futebol e o sadismo, onde a maior alegria do torcedor é, de alguma maneira, humilhar o oponente. O autor faz uma reflexão sobre o cotidiano de qualquer pessoa, que se diverte com o sofrimento alheio, citando como exemplo a televisão, onde os desenhos animados têm no seu ápice e ponto mais engraçado quando o vilão “quebra a cara”, mas não de forma definitiva, já que na cena seguinte ele está completamente reestruturado para novamente fazer o espectador se divertir com o mesmo mecanismo.



Esta lógica é aplicada inteiramente ao futebol, onde o torcedor busca matar moralmente o adversário, mas tendo consciência que na rodada seguinte ele vai estar completamente recuperado para ser novamente alvo do ataque e da diversão.

[...]. É do jeitinho da psicologia do estuprador. O que o estuprador quer não é o prazer sexual. Se fosse isso, seria fácil: ele iria a uma zona ou arranjaria uma namorada. Mas nem prostituta nem a namorada podem lhe dar o prazer que ele quer. A prostituta e a namorada permitem a penetração e podem até gostar. Mas não é esse o prazer que ele quer. Ele quer é o sentimento de força e poder: entrar pela força, como ladrão, arrombando a porta, vencendo os esforços desesperados da outra pessoa para que isso não aconteça. Pois o gol não é isso? Enfiar a bola lá dentro daquele estreito espaço que o outro time inteiro quer guardar a todo custo. O primeiro gol equivale a um defloramento. É o prazer de entrar, o prazer de fazer o outro sofrer. Futebol-arte só é bonito quando o time da gente está ganhando e serve para humilhar ainda mais o adversário. Quem diria que o gozo no futebol ter a ver com a realização de impulsos sádicos e perversos? (ALVES, 2006, p.36).

Ainda para Alves (2006), o prazer do futebol não está somente na vitória. O sentido do futebol vai além, ele está no prazer de humilhar seu adversário. A desmoralização do adversário é colocada em um patamar de importância superior, onde a derrota e sofrimento do adversário trazem mais alegria do que o gozo da vitória.

Morato (2005, p. 98 a 101) analisa a tríade fundamental que forma um time de futebol sob o ponto de vista da rivalidade: patrimônio, jogadores e torcedores. Os envolvidos na partida sabem que, para vencer a tríade adversária, é preciso desestruturá-la de alguma forma. Por isso, além de defender o seu pavilhão, é necessário atacar o pavilhão adversário para que após os noventa minutos de partida, fique claro que há um derrotado.

Com a bola rolando, a tensão é potencializada. O desempenho de um time influencia a motivação da torcida, tanto quanto a torcida o time. O dinamismo é muito grande e o uso da violência simbólica entre os torcedores adversários é corriqueiro. “Palavrões” são “cuspidos” a toda hora pela grande maioria. Não há distinção quanto ao gênero, idade ou raça das pessoas que os pronunciam e a presença de mulheres



não ameniza a utilização dessa manifestação. Aliás, presenciei mulheres utilizando-se de palavrões. A maioria dos palavrões sugere a feminilização do rival. No ambiente machista do futebol, a melhor maneira de agredir o adversário pelos palavrões é duvidando da sua masculinidade ou agredindo a principal figura feminina da família, a mãe. Diante dessas manifestações os torcedores agredidos sempre retrucam, também por intermédio desse tipo de manifestação. (MORATO, 2005, p. 99 e 100).

Ao expor a tríade da rivalidade, Morato (2005), coloca o torcedor como a principal força de atração e de conflito entre dois times rivais. Trata-se de um conflito simbólico onde o torcedor busca exaltar que: 1º - seu clube possui uma torcida maior, ou mais apaixonada; 2º - que o seu clube possui um time de maior qualidade técnica, mais vitorioso, ou mais aguerrido; e 3º que seu clube possui um patrimônio maior. Morato (2005) avalia que em clubes rivais a torcida, o time e o patrimônio têm o mesmo grau de importância na diferenciação entre o “nós” e o “eles”. Qualquer dos três fundamentos básicos da tríade serve para exaltar a grandeza de um clube, do mesmo modo que servem para depreciar um clube adversário.

Se, por um lado, o prazer de superar um adversário é uma grande força de atração no futebol, por outro, a derrota torna-se um grande martírio. A rivalidade, independente do resultado em campo, exerce uma influência direta no cotidiano do clube ao que se refere às questões extracampo. Uma derrota em um clássico, por exemplo, define o rumo tomado nos bastidores do clube:

As emoções negativas (ou de desprazer), mais do que as positivas, são ingredientes que compõem o ato de mudança. As emoções, como é possível verificar, subordinam a razão a fim de não permitir que os indivíduos experimentem estes mesmos momentos desagradáveis. O sentir a emoção que o futebol carrega é um dos principais fatores responsáveis por modificar a trajetória política, econômica e social de um clube. Ninguém quer torcer ou representar um time que se tornou um martírio. [...] Em resumo, as emoções negativas, sentidas com maior intensidade nos clássicos, podem ser responsáveis por modificações significativas nos clubes. O efeito imediato, verificado facilmente nos discursos dos grupos envolvidos, é sempre de divisão da realidade percebida pelos times, de forma popular: o “céu” para o



vencedor e o “inferno” para o perdedor. (MENEGHETTI, 2002, p. 107 e 108).

A rivalidade exerce um papel fundamental como força motriz na união de pessoas, sejam torcedores, jogadores ou diretores de clube. Esses grupos não medem esforços para derrotar o rival e ao mesmo tempo se afastar da humilhação da derrota. Este trabalho foca a questão da rivalidade como algo positivo, uma força que motiva e que faz com que pessoas se mobilizem por uma causa comum. Porém, é necessário lembrar que em alguns casos, a rivalidade pode ultrapassar a linha do bom senso, trazer prejuízos de diversas ordens para os envolvidos e deixar cicatrizes sociais bastante profundas. Foer (2005), ao avaliar a rivalidade futebolística em Glasgow, que envolve os clubes do Celtic e o Ranger analisa uma situação muito complexa, mas que também pode ser observada através da tríade da rivalidade de Morato (2005). Ironicamente a cidade em que cresceram Adam Smith, Francis Hutcheson e a tendência setentrional radical do Iluminismo, gera histórias de horror relacionadas ao futebol, como de torcedores assassinados por usarem uniforme errado no bairro errado. A competição entre Celtic e o Rangers, por exemplo, representa algo mais que uma inimizade entre vizinhos, trata-se de uma luta pendente em torno da Reforma Protestante. O serviço de saúde local aponta que nos finais de semana de confronto entre as duas equipes o atendimento em hospitais é nove vezes maior do que nos demais finais de semana. Além das agressões físicas há uma série de simbolismos que envolvem este clássico. Um jogador do Ranger, clube identificado com a comunidade protestante, foi expulso em 1996 por fazer o sinal da cruz depois de pisar no gramado – o árbitro considerou esse gesto uma provocação ao Celtic, identificado com a comunidade católica.

A tríade da rivalidade aparece no ethos dos clubes. E cada sociedade assimila de uma maneira própria. Foer (2005) traz mais um exemplo, de uma rivalidade futebolística negativa, e muito fácil de ser observada. O jogador defende, inclusive, fisicamente os torcedores do clube. Em 1990, um ano antes do Estrela Vermelha consagra-se campeão da Copa Européia, o clube enfrenta o Dínamo. Foi a primeira vez



em 15 anos que a Iugoslávia viu seus grupos étnicos se enfrentando abertamente. De início, a confusão parecia administrável segundo os padrões do futebol europeu. Torcedores do Estrela Vermelha rasgavam cartazes e gritavam: “Vamos matar Tudjam”. Quando os torcedores do Dínamo começaram a lhes jogar pedras, os do Estrela Vermelha usaram os cartazes como escudo. As cercas que separavam as duas torcidas desapareceram misteriosamente. A briga tomou conta do estádio, com os combatentes identificados pelas cores das camisas, e então avançou para o gramado. A polícia mostrou-se inapta para enfrentar a situação. Quando um policial bateu num torcedor do Dínamo, um jogador chamado Zvonimir Boban interveio, atingindo o policial no pescoço com uma tesoura voadora. Helicópteros desceram no estádio para tirar os jogadores sérvios da confusão.

Foer (2005) em entrevista com torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado percebe que os torcedores conhecidos como Ultra Bad Boys seguem um código de conduta no confronto com outros torcedores. Na conversa com Foer, nunca diziam palavrões e consideravam-se ocupantes de um domínio moral mais elevado que seus adversários: não usar arma de fogo, não bater no inimigo depois de ele ter perdido a consciência eram uma conduta obrigatória durante as “batalhas”. Na entrevista um dos integrantes da torcida critica o modelo de violência praticado por seus adversários, delatando a falta de limites morais dos torcedores do Partizan.

Torcedores do Estrela Vermelha feridos durante a guerra que assolou o país recebiam atenção especial do clube. Foer (2005) utiliza o antropólogo Ivan Colvich, para ratificar esta realidade. O antropólogo mostra que os torcedores convocados para a guerra, levavam para o front as canções cantadas nos estádios, alterando um pouco as letras para colocá-las claramente num contexto militar. Jogadores do Estrela Vermelha iam de carro até o acampamento de Arkan para visitar torcedores feridos. Vladan Lukic, capitão do time, declarou a um jornal sérvio que os leais torcedores da parte norte do estádio Marakana estavam escrevendo “as mais belas páginas da história sérvia”.



É possível observar o futebol basicamente pelo campo afetivo ou mesmo sentimental de todas as pessoas nos mais diferentes grupos sociais. A “cultura do futebol” pode ser observada nos mais diferentes grupos sociais.

Estádio: uma obra para além do concreto armado

Curiosos que se dedicam a estudar o futebol e os fenômenos inerentes a este esporte são unânimes em afirmar que um estádio não é apenas uma obra de ferro e concreto armado. A força simbólica do local em que se pratica o esporte pode refletir muito mais que a personalidade da sua torcida ou clube. Além disso, o estádio traz consigo as referências culturais da comunidade onde ele é edificado.

Cabe lembrar, entretanto, que a preocupação e a idolatria com os estádios de futebol nem sempre foram realidade. Giulianotti (2002, p. 93) esclarece que, na época que precedeu o estabelecimento de regras, no período em que o futebol não passava de um “jogo de bola”, bastava um local aberto para praticar o jogo. Na época anterior à sua regulamentação, a falta de uma área cercada para jogar refletia a fraca legislação do jogo. Os limites da área para o “jogo de bola” eram demarcados por obstáculos naturais. Áreas comuns a todos da comunidade eram utilizadas como pontos de referência. Algo semelhante acontece atualmente no futebol improvisado, onde as regras oficiais são flexibilizadas. Pátios de escolas, parques e ruas são utilizados para a prática esportiva, mas com um sentido de lazer.

A construção do estádio para a prática esportiva estabelece uma divisão entre atletas e torcedores. Esta decisão fez com que a partida passasse a acontecer de maneira programada e com a influência bastante limitada de fatores externos ao jogo. Galeano (2004, p. 17) comenta que, nas primeiras décadas do século XX, a participação da torcida influenciava diretamente o andamento da partida. Em cada gol a partida era interrompida longamente porque as pessoas entravam em campo para abraçar ou bater. Além da interrupção do andamento do jogo, tanto os atletas adversários como o árbitro corriam grande risco de agressão.



Vigarello (2008) afirma que, no final do século XIX, não havia a necessidade de separar público de torcida em diversas modalidades esportivas, uma vez que era baixo número de pessoas que acompanhavam os jogos. O público parecia muito mais “assistir” a partida, do que “torcer” para alguma equipe. O autor relata que em competições internacionais, por volta de 1890, observava-se que as disputas eram acompanhadas por apenas algumas dezenas de homens de cartola e duas ou três mulheres. Entre as pessoas estavam algumas que visivelmente haviam se desviado de seu caminho para observar o que estava acontecendo. O estádio está associado à transformação do jogo em um espetáculo. Na medida em que a multidão invade o local da partida, acontece uma revolução arquitetônica desses espaços. Com a transformação do esporte em espetáculo, cada elemento tem seu papel bem definido: o atleta em campo e o público - que passa a ser torcedor - na arquibancada.

Com a padronização das regras, ou seja, o marco divisor entre o futebol primitivo e o futebol moderno, no período em que o mundo passava por uma profunda transformação, com a revolução industrial no final do século XIX, o futebol passou a trazer um sentimento de identificação de grupos sociais. Esse fenômeno ocorreu, inicialmente, nas escolas britânicas, posteriormente se estendendo para fábricas, bairros, cidades e países. Giulianotti (2002, p. 93) comenta que esses locais “especialmente” preparados para a prática do futebol geralmente eram construídos perto de terminais de transporte, principalmente próximo de estações ferroviárias, permitindo aos torcedores chegar e sair com facilidade. Alguns locais eram preparados perto de grandes indústrias, o que acabava estimulando o crescimento de um grande número de torcedores. Giulianotti (2002, p. 20) esclarece que o futebol, logo nas primeiras décadas da padronização das regras, acabou se incorporando à vida física das cidades. Os estádios de futebol pareciam fábricas perto da pequena extensão do hipódromo; as torcidas municipais gigantescas pareciam mão-de-obra entrando nos portões das fábricas. Centenas de pessoas deixavam de trabalhar nas tardes de sábado para assistir as partidas.



Porém, não se deve associar a transformação dos esportes em espetáculo a um fenômeno inerente aos últimos dois séculos. Galeano (2004) lembra que o fascínio e o poder de atração dos estádios são registrados há muitos séculos:

Em uma crônica que escreveu em outros tempos, e a propósito de outros esportes, Dione Crisóstomo retratou os torcedores romanos do segundo século depois de Cristo: quando vão ao estádio, é como se descobrissem um depósito de drogas. Esquecem-se completamente de si mesmos e sem nenhuma vergonha dizem e fazem a primeira coisa que lhes vem à cabeça. (GALEANO 2004, p.162).

Com grande semelhança, assim se descreve um estádio de futebol atual:

Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentina e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não têm ateus exhibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela se sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada. (GALEANO, 2004, p. 14).

O crescimento urbano também tem influência na edificação dos estádios. Giulianotti (2002, p. 107) enfatiza que, no mundo contemporâneo do futebol, as mais importantes questões políticas de espaço dizem respeito ao acesso e ao controle dos locais em que se realizam os jogos. Os grupos sociais menos influentes cada vez mais perdem essa batalha diária dos recursos; o acesso dos jovens à recreação barata (principalmente aos espaços de lazer) é notoriamente circunscrito. A reforma urbana e os projetos imobiliários reduzem o número de terrenos destinados ao futebol. Controlar e propiciar espaços públicos para jogar e assistir futebol de certa forma também denota poder. Esta pode ser uma explicação para o esforço de governos em monopolizar tais espaços. No sul da Europa grandes estádios foram erguidos durante períodos de ditadura política, quando os espaços públicos eram constituídos para gerar sentimentos nacionalistas. Mussolini construiu o estádio Olímpico para as finais da Copa do Mundo



de 1934; Franco construiu o Bernabeu de 1944 a 1947; Salazar edificou o Estádio da Luz, em Lisboa, em 1954 (GIULINATTI, 2002).

A localização e a arquitetura dos estádios refletem características da comunidade onde ele é construído. Grandes mudanças podem ser facilmente percebidas em diferentes locais:

Os clubes do Reino Unido sempre contratavam o arquiteto Archibald Leitch para construir, em volta de todo o gramado, três arquibancadas abertas sobrepostas por uma grande arquibancada coberta, com duas fileiras. Os primeiros campos tinham frequentemente forma elíptica e uma arquibancada aberta inclinada que era vista como uma variação barroca dos majestosos anfiteatros romanos. Mais tarde, como as finanças e os espaços centrais das cidades levaram a limitações, os campos passaram a ser retangulares, acompanhando os parâmetros do gramado e colocando os espectadores mais perto do jogo. (...) muitos estádios latinos localizam-se bem longe das áreas industriais; internamente, abrigam centros de treino e ginásios, assim como piscinas, quadras de tênis ou pista para atletismo em volta do gramado. Na Ibéria e na América Latina, essas instalações podem ser facilmente utilizadas pelos sócios do clube como parte do pagamento de contribuições periódicas.

As restrições, por motivo de segurança, reduziram significativamente essas capacidades, mas prevalecem os princípios de informalidade e de massa relativos aos espectadores. (GIULIANOTTI, 2002, p. 94-95).

Ainda para Giulianotti (2002, p. 97), a atmosfera é para os jogadores e espectadores um importante estímulo do jogo, especialmente no âmbito profissional: quanto mais intensa a “atmosfera” mais aprazível se torna o jogo. A atmosfera é sempre de entusiasmo e distante; uma inter-relação entre o natural e o cultural e um confronto entre opostos.

É importante ressaltar os casos onde as arquibancadas de estádios de futebol servem de vitrine para exposição de ideias de cunho político. Muitas vezes os gritos dos torcedores têm caráter, anti-governista e de afirmação de identidade. Galeano (2004, p. 113) relata que nos anos de ditadura de Franco na Espanha, os dois estádios, o Camp Nou de Barcelona e o San Mamés de Bilbao, serviram de refúgio aos sentimentos



nacionais proibidos. Ali, catalães e bascos gritavam e agitavam suas bandeiras clandestinas. Foi num estádio de futebol que, pela primeira vez, apareceu uma bandeira basca sem que a polícia espancasse os que carregavam: um ano depois da morte de Franco os jogadores do Athletic e os do Real Sociedad entraram em campo empunhando tal bandeira.

Para Guazzelli (2000), a Copa de 70 reforçou o ufanismo nacional e as comemorações se estenderam para o Rio Grande do Sul, os gaúchos viram-se representados e se sentiram parte da conquista. Aproveitando o clima favorável em todo o Brasil, foi criada a Taça Independência, também chamada de Mini-copa, para abrilhantar os festejos de 150 anos da emancipação do Brasil. Porém, para a disputa, em 1972, a Confederação Brasileira de Desporto não convocou atletas gaúchos. Na época, a Federação Gaúcha de Futebol costumava promover partidas amistosas com equipes formadas com atletas que atuavam no Rio Grande do Sul contra seleções de outros países. A FGF lançou então o desafio para a Confederação Brasileira de Desporto para uma partida amistosa entre a Seleção Brasileira e a Seleção Gaúcha (formada com atletas de Internacional e Grêmio) para o dia 17 de junho de 1972. Durante os dias que antecederam a partida um intenso clima de rivalidade se instaurou, com reflexo na imprensa local.

No dia da partida, realizada no estádio Beira Rio alguns fatos chamaram a atenção de Guazzelli (2000): o empate em 3 a 3 marcou o maior público da história do estádio Beira Rio, 110 mil pessoas:

[...] numa inédita união entre colorados e gremistas – revelaram-se entusiasmados torcedores do selecionado “gaúcho”. Houve excessos cometidos contra catarinenses que tinham se deslocado para prestigiar a equipe nacional, incluindo a queima de algumas bandeiras do Brasil, notícias que obviamente a censura não permitiu que a imprensa divulgasse. [...] Vaias ensurdecedoras acompanharam a entrada dos jogadores e se sobrepuseram à execução ao Hino Nacional. Depois de iniciada a partida, cada vez que um jogador da seleção brasileira esteve com a posse da bola, repetiram-se as vaias [...] (GUAZZELLI, 2000, p. 44).



Guazzelli (2000) enfatiza o momento político que o Brasil vivia, quando a ditadura militar impedia quaisquer manifestações políticas de desagrado com o regime, incluídas aqui as reivindicações de caráter regional. E lembra que pouco tempo antes, onze anos, houve a campanha da Legalidade liderada pelo então governador Leonel Brizola, mas desde o golpe de 1964 o Estado teve sucessivos governadores nomeados pelos militares e servis às determinações do Planalto. Esse contexto poderia ter explicado o repentino ato de rebeldia gaúcha, no que pode ser visto como a busca da afirmação de uma identidade regional. Porém, independente do resultado da partida ou dos atos dos torcedores, a ação não teria grandes resultados práticos imediatos. Isto foi observado por cronistas da época:

[...] Mostramos ao Zagallo que o futebol gaúcho não pode ser desprezado. E eu respondo que não mostramos ao Zagallo nada e que o futebol gaúcho tanto pode que continua desprezado. O próprio jogo foi um gesto de desprezo. Vieram aqui nos acalmar, mandaram o circo para distrair os nativos, nos trataram - mercedamente – com a paternal condescendência que todo provinciano recebe da corte, e pronto. O que vamos fazer agora, pedir revanche? O mal do protesto passional é que suas razões se extinguem quando termina a paixão. E todas as legítimas perguntas que poderia fazer sobre os critérios de convocação e as contradições de Zagallo serão, de agora em diante, anticlimáticas. O clímax foi o jogo de sábado. A província teve seu dia de circo, agora se acalme [...]. (Luis Fernando VERÍSSIMO, 1972, Crônica “Insensatez” apud GUAZZELLI, 2000)

Jornalistas ligados a empresas do centro do país adotaram um discurso de menosprezar o selecionado local, ressaltando que ele atuou com atletas estrangeiros e enfatizando o desrespeito do público com um dos maiores símbolos do Brasil na época:

Achei uma atitude antidesportiva e antibrasileira do povo do Rio Grande do Sul, vaiar o selecionado brasileiro que afinal, trouxe-nos o tricampeonato mundial. A atitude de Jairzinho mostrando a camisa para o público, depois do gol de empate, foi muito justa, pois ninguém teve consideração para com os tricampeões que lutaram no México, em defesa das cores nacionais. Meus pêsames ao mundo esportivo



gaúcho, pela atitude antipática em vaiar a Seleção. Não fosse os apupos dessa massa, o selecionado do Brasil teria ganhado tranquilamente desse combinado sulamericano, que digo e repito, é fraquinho. Luís Mendes, narrador para Rede Brasileira de Televisão. (GUAZZELLI, 2000, p. 45 e 46)

Como já foi abordado anteriormente, o sentimento de identificação com toda atmosfera que cerca um estádio de futebol pode ser o grande motivo de fascínio por uma obra de concreto armado. Galeano (2004, p. 112) relata um caso que aconteceu na cidade argentina de Buenos Aires: quando o gigantesco supermercado Carrefour ergueu-se sobre as ruínas do estádio San Lorenzo, em 1983, os torcedores saíram chorando, levando um punhado de terra no bolso.

Franco Júnior (2007, p. 270) coloca o futebol em patamar de religiosidade; visto assim, o estádio é um templo:

Na Europa medieval a maior construção de qualquer cidade era a igreja, que geralmente comportava a totalidade, ou quase, da população local. Raramente alcançando tais proporções devido a uma densidade populacional muito maior, o mundo contemporâneo construiu santuários futebolísticos majestosos. Quando o Maracanã foi inaugurado, em 1950, podia receber 10% da população carioca. Quando a pequena ilha mediterrânea de Malta construiu, em 1953, seu estádio, ele podia acolher quase 12% de seus habitantes. Quando o Beira Rio foi aberto, em 1969, a capacidade dele somada à do já existente estádio Olímpico, de 1954, permitia recepcionar quase 11% da população de Porto Alegre (...). Nas cidades pequenas o fenômeno chama mais a atenção. Em Mônaco, o estádio Louis II, inaugurado em 1985, comporta até 18500 pessoas, para uma população na época de 22 mil; em Lens, cidade francesa de atuais 35 mil habitantes, o estádio Bollaerts tem capacidade para 41 mil; no sertão brasileiro, em 1995 a cidade de Brejinho (PE) entregou ao público um estádio ainda incompleto acolhia 3 mil espectadores e finalizado terá capacidade para 10 mil, enquanto a população estava por volta de 7500 habitantes, segundo o IBGE; em Loulé, no Sul de Portugal, construiu-se para a Eurocopa de 2004 um estádio para 30 mil pessoas, enquanto a população local é de 20 mil. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 271-272).



Usando a metáfora da religiosidade, Franco Júnior (2007) enfatiza que o espaço do ritual futebolístico é o estádio, e usando a expressão do historiador inglês John Bale, analisa o estádio como “o santuário do mundo industrial”. Um local onde uma religiosidade arcaica é expressa de acordo com o imaginário atual.

Considerações Finais

Este trabalho abordou o futebol como uma metáfora para entender a sociedade onde vivemos. Este esporte em si, traz consigo muito das teias de representações que envolvem os indivíduos de uma sociedade. As regras deste esporte representam um modelo de sociedade ao qual estamos imersos. A maneira com que muitos indivíduos da sociedade vivenciam este esporte é a maneira com que eles vivenciam a vida em si.

O futebol permite reflexões relativas à estética, à ética, à lógica, à geometria ou a física. A complexidade do futebol contrasta com sua simplicidade aparente, e é certo que através dele conseguimos nos ver de maneira melhor.

O trabalho buscou discutir de que maneira um esporte, associado a um espírito de competitividade presente em nosso cotidiano, consegue transformar uma paixão em uma obra física, de ferro e concreto armado. Este espírito de competitividade aliado à secularização, produtividade, igualdade de chances, supremacia dos mais hábeis, especialização de funções, qualificação de resultados e fixação de regras passaram a ser mais observados pelos pesquisadores a partir da revolução industrial e estão incorporados no cotidiano das cidades contemporâneas.

A construção de um estádio reflete, portanto, não apenas um espírito de rivalidade entre dois times, mas uma perspectiva de pensar o esporte como uma ferramenta utilizada para demonstrar a superioridade diante do “outro”.



Referências

ALVES, Rubem. *O Futebol Levado a Riso*. Lições do Bobo da Corte. Campinas, Versus Editora, 2006.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Tradução: MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao Sol e à Sombra*. Tradução: NEPOMUCENO, Eric; BRITO, Maria do Carmo; FARACO, Sérgio; SSÓ, Ernani. Porto Alegre, L&PM, 2004.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Tradução: BRANT, Wanda Nogueira Caldeira; NUNES, Marcelo de Oliveira. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos Guazzelli. *500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: Construção da "Província de Chuteiras"*. Porto Alegre: Anos 90, 2000.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. *Imaginário e Poder: A Dinâmica dos Grupos Ligados a uma Organização de Futebol*. Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná. 2002.

MORATO, Marcio Pereira. *A dinâmica da rivalidade entre Pontepretanos e Bugrinos*. In: DAOLIO, Jocimar. *Futebol, Cultura e Sociedade*. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2005.

OLIVERIA, Elvira. *Futebol: Das peladas à Copa do Mundo*. Editora Abril, 2000

VIGARELLO, Georges. *O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas*. In *História do Corpo*. Editora Vozes, Vol. 3, 2008.

WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.